

Imunoterapia com ácaros e proteção cruzada para crustáceos: relato de caso

Raphael Coelho Figueredo¹, Kathariny da Silva Figueredo², Luana Pereira Maia¹

Apresentação do caso: Homem de 30 anos, apresentou urticária generalizada pruriginosa e angioedema em lábios e olhos, uma hora após o consumo de siri, camarão e peixe (robalo - *Centropomus undecimalis*). **Discussão:** A hipótese diagnóstica inicial foi urticária aguda aos crustáceos. Foi solicitado a dosagem de IgE sérica específica para peixe e crustáceos, prescrito fexofenadina 180 mg, 1 vez ao dia por 10 dias. No exame complementar observa-se o hemograma e IgE total normais, IgE específica para os ácaros *Dermatophagoides farinae* (DF) 2,8 ku/L *Dermatophagoides pteronyssinus* (DP) 3,1 ku/L e *Blomia tropicalis* (BT) 2,4 ku/L. camarão 3,52 ku/L, peixes (bacalhau, atum, salmão) 4,02 ku/L. Assim, definiu-se a hipótese diagnóstica como alergia a peixes de água salgada e crustáceos, além de sensibilidade aos ácaros. Optou-se pelo início da imunoterapia sublingual para os três ácaros citados anteriormente (10 µg/mL), associada à retirada dos alimentos suspeitos e do controle ambiental. Um ano depois, o paciente retorna, repetindo os exames com os resultados das IgEs séricas específicas para os três ácaros (DF, DP E BT) e para peixes: negativas. Foi então realizado teste de provocação oral com camarão, sendo negativo após o consumo de 100 gramas do crustáceo. Desse modo, liberou-se o consumo de camarão e peixes, além da manutenção da imunoterapia sublingual para ácaros por mais 2 anos. **Comentários finais:** É sabido que os ácaros possuem uma proteína tropomiosina que faz reação cruzada com os crustáceos, barata e algumas espécies de peixes, sendo assim, houve uma dessensibilização aos crustáceos com a imunoterapia para os ácaros, provavelmente por diminuir os níveis de IgE específica e aumentar os níveis de IgG 4 específica para tropomiosina. Porém mais estudos são necessários para avaliar tal relação.

1. Associação Médica de Imperatriz - MA.

2. CAAIC - Clínica de Alergia, Asma e Imunologia Clínica.



Imunoterapia para candidíase vaginal recorrente: relato de caso

Mariana Lima Mousinho Fernandes, Giordana Portela Lima, Juliana Borba Gomes

M.Z.L.S.R., 44 anos, sexo feminino, casada, secretária, natural de Oeiras-PI e procedente de Teresina-PI. Paciente refere candidíase vaginal de repetição desde 2011. Em 2016, após tratamentos sem sucesso, procurou atendimento da alergia e imunologia, ocasião em que foi proposta a Imunoterapia (IT) para candidíase vulvovaginal por 3 anos e solicitada cultura de secreção vaginal para cândida, cujo resultado foi positivo para *Candida albicans*, e perfil linfocitário evidenciando CD56 reduzido. O esquema escolhido de IT para esse caso incluiu, na fase de indução, concentrações de 1: 10.000; 1-1000, 1:100 e 1: 10 em aplicações semanais, com volumes crescentes (0,2-,4-0,6-0,6) até atingir a manutenção na dose de 0,6 mL 1: 10, quando as aplicações passam para 15-15 dias, 21-21 dias até atingir a fase mensal, estando há 3 anos em manutenção com aplicações mensais com o mesmo volume. A paciente refere melhora das manifestações clínicas em uso apenas da IT, apresentando só um episódio de candidíase vulvovaginal em dezembro de 2018 de leve intensidade. A presença per si de *Candida* no meio vaginal não sinaliza doença pois a mesma existe na flora vaginal fisiológica em 25% das mulheres. A candidíase vulvovaginal recorrente é caracterizada por 4 ou mais ocorrências sintomáticas no período de 1 ano, comprometendo a qualidade de vida das pacientes. A ação microbicida de fagócitos e a toxicidade celular mediada pelas células NK, identificada pelo CD56, constituem os mecanismos de defesa do paciente contra *C. albicans*. Logo, nos pacientes portadores de candidíase vaginal recorrente, o CD56 normalmente apresenta-se reduzido. Tais evidências corroboram a implementação da IT como possibilidade terapêutica. Na IT, não há a padronização de extratos e de esquemas de administração para sua aplicação, mas as experiências clínicas isoladas são promissoras, como no caso descrito, reforçando a necessidade de pesquisas que apontem seu uso e que uniformize seu plano terapêutico.